

Imprensa e imaginário: Cobertura de mito e lenda no jornalismo paraguaio¹

Andriolli de Brites da Costa²

Resumo:

Este trabalho trata do modo como a imprensa paraguaia realiza a cobertura de matérias que envolvem a lenda de *plata yvyguy*, uma expressão guarani que significa “tesouro enterrado”. Para tanto, foram selecionadas as matérias, que traziam a expressão, publicadas no jornal ABC Color, o maior do país, de modo a utilizá-las para problematizar a cobertura dos mitos folclóricos e a sua aceitação pelo jornalismo como componentes importantes da realidade social. Um tema de difícil assimilação pela prática jornalística, visto que esta se funda em uma lógica positivista e empirista, e divulga tudo aquilo que foge ao domínio do “real” com sensacionalismo ou desdém, como é o caso de mitos e lendas, pertencentes aos domínios do imaginário.

Palavras-chave: jornalismo; cobertura; imaginário.

Abstract:

This paper aims to expose the journalistic coverage about the legend of *plata yvyguy* in the Paraguayan press, a Guarani expression meaning “buried treasure”. We selected all the news published in the ABC Color website, the biggest newspaper of the country, which had *plata yvyguy* in the text, so we could use them to discuss the coverage of folkloric myths and their acceptance by journalism as important components of social reality. A theme of difficult assimilation in the journalistic practice, as it is founded on a positivist and empiricist logic, which makes the approach of all that is beyond the realm of “real” with sensationalism or disdain, as is the case of myths and legends, which belongs to the domains of the imagination.

Key words: journalism, press coverage, imaginary

¹Trabalho apresentado originalmente no 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), em novembro de 2012.

² Jornalista graduado na UFMS e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC.

Introdução

Este trabalho, que faz parte das reflexões de uma dissertação de mestrado em andamento, trata do modo como a imprensa paraguaia realiza a cobertura jornalística de matérias que envolvem uma lenda bastante popular no país vizinho: a de *plata yvyguy* – expressão guarani que significa “tesouro enterrado”. Para este estudo e acompanhamento, nos restringimos às matérias publicadas no ABC Digital, a versão online do maior jornal do país que reproduz no site, as páginas de sua edição impressa, o ABC Color. Pretende-se, a partir das matérias que trazem a expressão correspondente à lenda em seu corpo de texto, problematizar a cobertura dos mitos folclóricos e a sua aceitação pelo jornalismo como componentes importantes da realidade social de uma comunidade e que, portanto, devem ser levados em consideração pela reportagem jornalística.

Esta discussão justifica-se pelo fato de que, via de regra, o jornalismo tradicional no ocidente não mostra um espaço adequado para matérias que envolvam mitos e lendas folclóricas. Isso por que tais elementos pertencem aos domínios do imaginário e das tradições orais e parecem estar, à primeira vista, ligados apenas ao plano subjetivo, de onde a lógica simplista leva a conclusão de que são incompatíveis com os ideais de objetividade que norteiam a prática jornalística.

Portanto, o jornalismo torna-se lugar da racionalidade, da linguagem objetiva e referencial, e não da imaginação. “Na sua atitude de vigilantes da objetividade, os jornalistas evitam o inefável. Quando cedem, é para ironizar e debochar dos disparates da realidade, desqualificando qualquer transcendência” (MOTTA, 2006, p. 9). É frequente que matérias que abordem o universo lendário recebam abordagens voltadas para o entretenimento, em uma cobertura voltada para o exótico, chamando atenção para o curioso, ao estilo *fait-divers*, “esvaziando os fenômenos de suas significações epifânicas, debochando das credences populares” (*idem*).

O que chamou-nos a atenção para a cobertura paraguaia de *plata yvyguy* é que neste caso específico, a lenda ultrapassa os limites do simbólico e do subjetivo e se manifesta concretamente de uma maneira que pode ser assimilada objetivamente pelo relato jornalístico. Este fenômeno ocorre quando a lenda, ao alimentar o imaginário coletivo da existência de enormes fortunas em ouro enterradas em território Paraguaio (GONZALES TORRES, 1995), inspiram aqueles que nela acreditam a realizar, ou deixar de realizar, determinadas ações tendo em vista a possibilidade do enriquecimento fácil. São pessoas que morrem ao cavar poços em busca de fortunas enterradas (ABC DIGITAL, 2010); artistas que se inspiram na saga dos *buscadores* de tesouro para escrever suas peças (*idem*, 2011a); homens que oram a Deus para encontrar *plata yvyguy* e nunca mais tornar a passar fome novamente (*idem*, 2011b).

A imprensa paraguaia também apresentou um comportamento pouco comum

dentro da lógica ocidental. Ainda que partilhando os mesmos ideais racionalistas que inspiraram o jornalismo norte-americano e tendo introduzido em seus manuais de redação o conceito de *objetividade* desde 1950 (ORUÉ POZZO, 2007), de maneira geral a imprensa paraguaia apresenta em sua cobertura jornalística dos eventos que envolvem crença em *plata yvyguy*, uma postura bastante particular. Nela, não se busca desacreditar a lenda, minimizar a importância do acontecimento gerador da notícia – ou de qualquer um de seus agentes - e nem mesmo incentivar a sua espetacularização. O foco das matérias recai sobre experiências pessoais e repercussões sociais geradas pela manifestação concreta do imaginário, a partir das ações tomadas por pessoas que acreditam na lenda. Tais ações muitas vezes são vistas de maneira negativa na reportagem, que mais de uma vez já classificou de “vândalos”, os caçadores de *plata yvyguy*, em matérias que tratavam de danos ao patrimônio público decorridos das suas atividades. No entanto, tal postura apenas reforça a relevância que a lenda possui na sociedade paraguaia e a importância de uma cobertura jornalística que encare seriamente o assunto.

A postura questionada neste artigo de excluir ou relegar a um plano menor matérias que tratam de manifestações do imaginário por parte da prática jornalística, remonta ao final do século XIX, quando se deu a reestruturação do papel a ser desempenhado pelo próprio jornalismo. Neste período, este deixava de ser somente espaço opinativo de embates político-partidários para assumir uma postura informativa, produzindo narrativas da contemporaneidade. Para tanto, o jornalismo buscou alinhar-se à razão científica e a seus princípios positivo-funcionalistas, desenvolvendo sua linguagem inspirada em “gramáticas” comuns também entre as metodologias de pesquisa do conhecimento científico (MEDINA, 2008, p. 18).

A aproximação com a razão científica trouxe uma série de novas posturas para o jornalismo. O discurso jornalístico, por exemplo, passou a fundar-se em um empirismo factual, inspirado na máxima de que era preciso se ater aos fatos e apenas aos fatos. A objetividade surge como ideal a ser perseguido, de modo a buscar maior correspondência na representação de uma realidade igualmente objetiva. “As técnicas jornalísticas, fixadas sob a égide do paradigma positivo-funcionalista, tendem a se estratificar numa mentalidade reducionista”, expõe Medina. (1991, p. 195,). A própria noção de real – concreto e palpável - era colocada em oposição ao quimérico (*ibidem*, p. 20), afastando e relegando a um segundo plano as manifestações do sensível, do emocional, do simbólico e do imaginário.

Mitos e lendas folclóricas não encontram espaço no jornalismo tradicional, pois não pertencem ao domínio do real em seu sentido de concreto. Integram o domínio do imaginário, o “museu de todas as imagens produzidas e a produzir” (DURAND, 1994, p. 1). Isso não significa, no entanto, que estas manifestações do simbólico-mítico estejam desvinculadas do que percebemos como realidade. Morin (1997) chama a atenção para o fato de que são os próprios homens que criaram a cisão entre aquilo

que é e o que não é real. “Nós é que cindimos a unidade contraditória do prático e do mágico, ou antes, daquilo que principiamos a designar por prático e por mágico, quando utensílios, vestuário, caras e imagens existem nos dois registros” (1997, p. 179). Os mitos, ainda que pertencentes a uma realidade secundária e simbólica, não podem ser excluídos da equação final da percepção do mundo. Colocadas em oposição antagônica, a visão dicotômica entre real a imaginário, sujeito e objeto, racionalidade e fantasia, eclipsa a percepção da riqueza e da complexidade daquilo que compõe, de fato, o que podemos compreender por realidade.

Os mitos folclóricos também pertencem aos domínios do imaginário, no sentido de que são imagens (mentais) produzidas como fruto de um pensamento mítico em “uma rede etérea e movediça de valores e sensações partilhadas concreta ou virtualmente” (SILVA, 2006. p. 9). Em outra instância, também integram a alçada da cultura popular e das tradições orais, visto que são construídos, aceitos e compartilhados dentro de um sistema de crenças fundado na oralidade – ainda que não seja, de forma alguma, exclusividade dos povos iletrados. Assim, a cobertura de matérias que tratam deste tema também sofrem as consequências de outra dificuldade do jornalismo tradicional: a necessidade de ferramentas de registro. É como aponta Lippman.

Onde há uma boa máquina de registro, o serviço moderno de notícias funciona com grande precisão. [...] Em comunidades civilizadas, mortes, nascimentos, casamentos e divórcios são registrados e são conhecidos com exatidão, exceto quando são escondidos ou ignorados. [...] Acho que se descobrirá que existe uma relação muito direta entre a certeza da notícia e o sistema de registro (LIPPMANN, 2008, p. 168).

Rosenfield (*apud* FERREIRA NETTO, 2008, p. 31) afirma que “toda pessoa é única: suas percepções, até certo ponto, são criações, e suas lembranças fazem parte de um processo contínuo de imaginação”, cabendo ao cérebro o papel de reelaborar e reorganizar as informações da memória. Exatamente por isso que sem o registro documental, o relato oral – uma narrativa fundada essencialmente na memória e na percepção – perde força no discurso jornalístico, na medida em que este busca apoiar-se em dados concretos.

Entretanto, é justamente por sua posição como produto do imaginário coletivo e manifestação da cultura popular que mitos e lendas tornam-se tão intrinsecamente ligados a uma sociedade. O jornalismo, como um instrumento social, não deve recusar as manifestações do imaginário sobre o risco de recusar, de igual maneira, uma parte relevante da sociedade que representa. Berger e Luckmann (*apud* MEDITSCH, 2010) ressaltam o processo dialético e de reciprocidade que existe entre o homem, produtor, e o mundo social, produto dele. “A sociedade é um produto humano. A sociedade é uma realidade objetiva. O homem é um produto social” enunciam os autores. Análises que não compreendam estes movimentos serão invariavelmente análises distorcidas.

Não obstante o fato de serem elementos integrantes da realidade - o que por si só já deveria refletir-se num espaço mais adequado nas páginas de jornal - mitos e lendas também estão fortemente inseridos na contemporaneidade, outra característica da narrativa jornalística. Engana-se aquele que encara tais manifestações folclóricas como tradições culturais ligadas ao passado ou a comunidades arcaicas. Cascudo (1984, p 24), inspirado pela *Dinâmica do Folclore* de Carneiro (1965), defende que uma das características dos mitos e lendas é justamente a *persistência*, isto é, a capacidade de modificar-se e atualizar-se para sempre acompanhar a sociedade que representa. Mitos e lendas fazem parte do imaginário coletivo, e este imaginário é, por sua vez, parte integrante da realidade social.

Se o imaginário tudo perpassa, a imprensa é locus fecundo de observação desses vestígios imaginais, uma vez que as notícias trazem para a vida cotidiana toda a diversidade do mundo, da política e economia à arte e entretenimento, incluindo as próprias ocorrências ordinárias, do dia a dia. Toma-se, então, o jornalismo como uma tecnologia de criação e reprodução de imaginários sociais, como fonte que alimenta com imaginários o cotidiano contemporâneo e, ao mesmo tempo, de imaginários sociais alimenta a si mesmo (SILVA, 2010, p. 249-250)

Construção do imaginário dos tesouros enterrados

Antes de partir para a análise da cobertura jornalística de *plata vyvuy*, é importante contextualizar as origens do surgimento e do estabelecimento da lenda no imaginário paraguaio. A crença da existência de tesouros escondidos no subsolo paraguaio possui um pano de fundo histórico, que lhe serve de sustentação. Benito Chávez, um mexicano caçador de riquezas e autor do livro *Tesoros Ocultos*, compartilha seu entendimento de tesouros como “*Una cantidad de monedas, lingotes de oro, plata, piedras preciosas, alhajas, etc., acumuladas por su dueño*” (CHÁVEZ, 1999, p.17). O autor também salienta que determinadas circunstâncias como guerras, assaltos, inexistência de bancos na região ou simplesmente uma forte sensação de insegurança em um período, muitas vezes levam os possuidores dessas fortunas a esconder suas posses para evitar que estas sejam perdidas.

Essa insegurança é justamente a responsável pelo histórico inicial da ocultação de tesouros no país vizinho, uma crença que se origina nos tempos da presença da Companhia de Jesus em território paraguaio e a sua expulsão pela coroa espanhola em 1767. Em entrevista ao ABC Digital (2011c), Villagra Marsal – escritor e pesquisador da história paraguaia - relata que na época, as missões paraguaias eram as mais ricas e prósperas em atividade. Com a expulsão, os jesuítas foram obrigados a partir com “*una mano detrás y otra adelante*”, e foram inclusive despedidos para que se averiguasse se levavam consigo algum tesouro nas vestes. Ainda segundo o entrevistado, tal riqueza estaria nas mãos dos padres devido ao monopólio de exportação da erva-mate, couro e tabaco que os jesuítas possuíam. O próprio pesquisador compartilha:

“Se habla de una cantidad muy grande que está reunida en un solo lugar, 27 toneladas de oro”.

Remetendo a esta época, quando história e memória se fundem numa coisa só, surgem as narrativas orais sobre os tesouros ocultos, permeadas por doses de misticismo e sobrenatural. É o que relata Gonzales Torres em *Folklore del Paraguay*.

Cuando los Padres Jesuítas se retiraron de la Misiones escondieron en un lugar desierto todos sus tesoros, dinero, alhajas y los libros de su sabiduría. Para ello construyeron edificios con profundos y largos subterráneos entregados a la protección de indios malos o espíritus y monstruos. (GONZALES TORRES. 1995, p.97).

A versão mais recorrente da lenda diz respeito ao período da Guerra do Paraguai (1865-1870), quando Francisco Solano López, marechal das tropas paraguaias, teria confiscado os tesouros das famílias paraguaias para manutenção dos esforços de combate – e os escondido, posteriormente com a iminência da derrota. A grande quantidade de ouro em posse destas famílias é justificada no governo anterior, em que o presidente e pai do Marechal, Carlos Antonio López, era o detentor do monopólio sobre a exportação de todos os produtos produzidos no país. Deste modo, o povo deveria produzir e fornecer ao estado, que revendia e repassava a parte que cabia a cada família. “Como no había banco, el Paraguay cobraba también en oro y en libras esterlinas y, por tanto, el Gobierno pagaba también en libras esterlinas” (ABC Digital, 2011c). Na literatura militar, a busca por tesouros escondidos durante o conflito armado está registrada mesmo durante o período da Guerra, como relata o general Dionísio Cerqueira no livro de memórias do exército *Reminiscências da Campanha do Paraguai*.

Quando o exército entrou em Assunção, achou-a abandonada. Pouco a pouco foram aparecendo mulheres idosas, como que explorando. (...) De vez em quando, entrava uma pela casa de um oficial e pedia humildemente para levantar um tijolo ou cavar um buraco – e tirava uma panela com onças e patacoês. (CERQUEIRA, 1980, p. 309)

Diversas versões atribuem a Solano López a ocultação deste grande Tesouro Nacional, considerado o maior e mais famoso *plata yvyguy* do País. No entanto, também há narrativas sobre montantes menores, como a história do tesouro de Madame Lynch ou mesmo relatos de pequenas quantias enterradas pelas próprias famílias paraguaias, que frente à insegurança da Guerra, optavam por esconder seu ouro com o desejo muitas vezes não realizado de retomá-lo posteriormente.

A crença em tesouros enterrados não é exclusividade da sociedade paraguaia. De fato, histórias sobre fortunas ocultas permeiam o imaginário popular em várias regiões do mundo. Gilbert Durand encontrou e analisou pontos das tradições orais que compartilham narrativas sobre ouro enterrado. De acordo com ele, o ouro é uma

substância ambivalente, que motiva riquezas e é causa de desgraças, e sua ligação com o enterramento ou enterro remete ao desejo de assegurar conforto e riquezas no além.

Muitas vezes este ouro escondido é fechado num cofre ou num caldeirão, como a *Saga du scalde Egil* escondido num pântano. Esses assessorios habituais do tesouro lendário reforçam a polarização do ouro no seio dos símbolos da intimidade” (DURAND, 2002, p.265).

No Brasil, o folclorista Luiz da Câmara Cascudo (1985) identifica as lendas de tesouros enterrados como diretamente ligadas aos mitos ígneos e do ciclo do ouro. A uma conclusão semelhante chegou Silva Leite (2003), em seu estudo dos mitos aquáticos mato-grossenses onde identifica a possibilidade do buscador de tesouros não ser capaz de tomar posse do ouro mesmo tendo-o desenterrado caso a alma que o enterrou não a tenha escolhido para ser a presenteada. “Neste caso, a pessoa vai encontrar, em lugar de ouro, só carvão” (SILVA LEITE, 2003, p.111). Lendas que envolvem tesouros enterrados também são encontradas no sul e sudeste brasileiro como a Mãe-de-Ouro, que identifica minas do metal precioso nos sonhos dos eleitos (CASCU DO, 2002) e no Nordeste, quando as almas de senhores de engenho gananciosos não desencarnam da terra, presas a ela graças as grandes botijas de dinheiro enterrado que esconderam em suas propriedades (FREYRE, 1963).

Esta similaridade entre as narrativas de tesouros enterrados não surpreende, visto as semelhanças entre as estruturas das histórias pelo mundo foram longamente estudadas por formalistas e estruturalistas ao longo dos anos. No entanto, mais do que chamar atenção para as similaridades cabe evidenciar as diferenças. Ainda que compartilhem elementos em comum (como o ouro, o enterramento e por vezes a morte) nenhuma das lendas acima expostas é igual a outra. Distanciam-se graças ao contexto histórico, a localização geográfica, as diferentes influências culturais, enfim, pelo horizonte social em que estão inseridas. A crença em *plata yvyguy* é única ao Paraguai e diz respeito a momentos históricos que marcaram a dinâmica social do país, como no caso da dominação jesuítica e da Guerra do Paraguai. Isso também corrobora com o raciocínio de Goody e Watt (2006), lembrado por Ferreira Netto (2008).

O reflexo da transformação social manifesta-se nas readequações dos meios de transmissão às novas necessidades, por exemplo, na readequação dos mitos de origem, na reformulação das genealogias, na inserção de novas passagens, e assim em diante. (FERREIRA NETTO, 2008, p.24).

Cobertura de Plata Yvyguy no ABC Digital

Em uma triagem preliminar de matérias que envolvessem a busca por tesouros enterrados, foram encontrados outros termos que se referiam a estas ações, desde

simplesmente *tesoro escondido* (CAPIATÁ DIGITAL, 2010), *tesoro bajo tierra* (ÚLTIMA HORA, 2008) até a derivação *plata yvyvy* (LA NACION, 2010). No entanto, a grafia mais comum e que inclusive foi adotada pelos jornais da rede ABC é *plata yvyguy*. A expressão é de origem guarani, língua que mesmo sendo uma das oficiais do país – assim como o espanhol e o castelhano – não tem seu uso muito frequente na imprensa e depende de opções editoriais.

A partir da escolha do termo guarani como palavra-chave, buscou-se identificar no ABC Digital³, matérias que trouxessem a expressão em seu corpo de texto. O material foi coletado nos arquivos do próprio site do veículo, que a partir de 2009 possui as matérias corretamente catalogadas, informando suas respectivas datas, autores e editorias em que foram publicadas. Assim, foi identificado entre os meses de agosto de 2009 e março de 2012, um total de 37 publicações que abordavam *plata yvyguy*.

Percebeu-se, em uma análise inicial, que a lenda não se fez presente apenas nas editorias mais livres, marcadas por uma abordagem ao estilo *soft news* (como em Cultura ou Entretenimento), mas também – e com grande peso – nas editorias mais tradicionais. Do total de matérias selecionadas, 43% pertenciam às editorias de *Espectáculos* e *Semanales* (uma coluna mais livre que permite estilos que vão da entrevista até a crônica), porém os demais textos clipados (57%) dividiam-se entre as seguintes editorias: *Interior*, *Nacionales*, *Locales*, *Policiales*, *Economia*, *Judicial*, *Política* e *Opinion*.



Tomemos como exemplo uma das matérias publicadas no ABC Digital, datada de 12 de fevereiro de 2012, para exemplificar a cobertura realizada pelo jornal. O texto, assinado por Javier Yubi, foi publicado originalmente no ABC Color – o veículo impresso do grupo – e replicado posteriormente no site. O título, “*plata yvyguy rekávo*”, está escrito em guarani e pode ser entendido como “Em busca de ouro enterrado”.

Agora, completamente abandonada, a estação histórica Ybytymi está em pleno declínio e à mercê de vândalos que ameaçam a sua existência. Há quinze dias foi invadida por caçadores de tesouros que entraram clandestinamente, durante a noite para realizar grandes escavações no interior. Poços escavados seis pés de profundidade no chão

³ www.abc.com.py

e perto de Husky rachaduras produzidas em paredes de pedra. (ABC Digital, 2012)⁴.

A matéria caracteriza os caçadores de tesouro como “vândalos” e critica as ações deste grupo na invasão e depredação da estação de Ybytymi, um povoado a 95 km da capital do país, Assunción. A postura crítica do texto é evidente, mas limita-se ação das pessoas. O repórter entrevista um funcionário responsável por cuidar da estação, que ao ser informado e questionado sobre os motivos da depredação, responde: “Mas, que *plata yvyguy* vai haver ali? Todos os chefes de estação eram meus amigos e nunca nenhum deles comentou ter escutado movimentos diferentes no interior.”⁵ (ABC Digital, 2012). A descrença é de que haveria ouro enterrado naquele local específico, sem invalidar o fato de sua existência em algum outro.

A imprensa rechaça a atividade, pela irresponsabilidade e pela destruição ao patrimônio público que tal ação desenfreada envolve. No entanto, não cobre da mesma maneira acusatória, casos envolvendo acidentes ou denúncias envolvendo escavações em terras públicas ou privadas – sem envolverem a depredação patrimonial. Tal observação indica uma visão naturalizada da busca por tesouros ocultos, até o momento em que esta ultrapassa os limites do bom senso e torna-se um problema social, como na cobertura de acidentes ou denúncias envolvendo a escavação em busca de ouro fora da esfera patrimonial. Ainda assim, a lenda, em si, não é posta em questionamento e nem há tentativas de explicá-la ou desacreditá-la científica ou historicamente.

A naturalidade com que é tratada a crença no ouro enterrado também é percebida da forma com que o assunto surge em meio a matérias que não tratam especificamente de ações geradas por caçadores de tesouro, mas que demonstram a força da lenda no imaginário paraguaio. Tal situação pode ser facilmente percebida na matéria *El dueño del circo*, publicada em 27 de fevereiro de 2011 por Nelson Zapata. O texto traz uma entrevista com Eliodoro Rojas, 55, dono de um circo itinerante. Em certo momento, questionando sobre as dificuldades da vida do entrevistado, o jornalista pergunta se ele já havia passado fome. Eliodoro confirma, e emenda:

Uma tarde estava tão desesperado, porque não tinha dinheiro e já há três dias só comia o feijão que minha esposa havia cozinhado. Tinha muita fome e fui comer goiabas. Então pedi a Deus para me ajudar a encontrar alguma *plata yvyguy*, que me tirasse daquela situação⁶. (ABC Digital, 2011b).

4 Tradução livre do espanhol – trecho original: “*Ahora, abandonada por completo, la histórica estación de Ybytymi se encuentra en total decadencia y a merced de vándalos que ponen en peligro su existencia. Hace unos quince días fue invadida por buscadores de tesoros que ingresaron en forma clandestina, en horas de la noche, a realizar importantes excavaciones en su interior. Cavaron pozos de casi dos metros de profundidad, en cercanías de los cimientos y hasta produjeron grietas en las fornidas paredes de piedra*”.

5 Tradução livre do espanhol: trecho original: *Pero qué plata yvyguy va a haber ahí. Todos los jefes de estación eran mis amigos y nunca ninguno de ellos comentó haber escuchado movimientos raros en el interior*

6 Tradução livre do espanhol: trecho original: *Una siesta estaba tan desesperado porque no tenía dinero y ya había comido durante tres días de una olla de poroto que me cocinó mi esposa. Tenía mucha hambre y me fui a comer guayabas. Entonces, le pedí a Dios que me ayude a encontrar algún plata yvyguy, que me saque de esa situación*

O assunto encaminha-se então para outras dificuldades, como os acidentes de trabalho na vida circense. O desespero de um homem casado e faminto que buscou intercessão divina para encontrar ouro enterrado torna-se mais um detalhe na construção textual do personagem.

Considerações Finais

O mito, entendido aqui em sua dimensão cultural e folclórica como uma manifestação do imaginário de uma sociedade, não é simplesmente uma ideia arquetípica e subjetiva ou uma tradição ligada ao passado. É um elemento gerador de ações concretas nas pessoas, que tomam ou deixam de tomar atitudes, comportam-se desta ou daquela maneira por sua influência. E são esses acontecimentos, que ocorrem concretamente em nosso mundo, que podem ser alvo de uma cobertura jornalística. A existência ou a veracidade de uma narrativa folclórica torna-se menos relevante do que as repercussões sociais e experiências que surgem decorrentes da crença no simbólico-mítico, visto que os mitos são produtos do imaginário, e imagens não podem ser ditas verdadeiras ou falsas.

Ressalta-se também que a crença numa narrativa mitológica difere da ilusão, da alucinação ou da loucura. As imagens míticas são construções sociais, surgidas espontaneamente nas comunidades humanas para exercer funções educacionais, reguladoras ou simplesmente de simbolização. Barkin (*apud* Maia, 2011) afirma que, ao atuar como contadores de história, os jornalistas desempenham um importante papel na afirmação e manutenção da ordem social. Assim, percebe-se que o próprio jornalismo também teria função explicativa, reguladora e pedagógica.

Como propõe Silva, “na relação imaginário e jornalismo interessa o aspecto coletivo, a manifestação social do imaginário, uma vez que o fenômeno da comunicação noticiosa é de natureza igualmente social e coletiva” (2010, p. 245). Inspiradas pelos mitos, pessoas aspiram, sonham, desejam e até mesmo tomam – ou deixam de tomar – certas atitudes. Ações como estas têm relação direta com a realidade concreta e não devem ser ignoradas pela narrativa jornalística.

Shudson (*apud* MAIA 2011) aponta para o fato de que é preciso considerar nas investigações não o que os jornalistas criavam de novo, mas sim a bagagem cultural que estes profissionais herdavam e que ajudam a explicar imagens generalizadas e estereotipadas da mídia noticiosa. Perceber a crença em *plata yvyguy* por suas origens histórico-culturais na sociedade paraguaia é de suma importância para a compreensão de todas as ações que envolvem este imaginário – desde a busca por tesouros até o desejo de salvação *ex machina*.

Cabe ao jornalismo compreender o horizonte social no qual a lenda está diretamente ligada, contextualizando as crenças que levaram ao acontecimento noticioso.

Para os que nele acreditam, o imaginário da lenda ganha acentos de real, criando fortes interfaces entre a realidade subjetiva e a objetiva . E são essas ligações que permitem mitos e lendas apresentarem-se numa cobertura jornalística.

Referências

ABC DIGITAL. Plata Yvyguy Rekavo. **ABC Digital**, Assunción – PY, 12 Fev. 2012. Disponível em <http://www.abc.com.py/edicion-impresa/suplementos/abc-revista/plata-yvyguy-rekavo-365705.html>. Acesso em 31 mai. 2012

_____. Galería de creadores paraguayos. ABC Digital, Assunción – PY, 25 Out. 2011a. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/galeria-de-creadores-paraguayos-2304/>. Acesso em 31 mai. 2012

_____. El dueño del circo. **ABC Digital**, Assunción – PY, 27 Fev. 2011b. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/el-dueno-del-circo/>. Acesso em 31 mai. 2012

_____. Plata Yvyguy, la gran distraccion nacional, **ABC Digital**, Assunción – PY, 14 fev. 2011c. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/plata-yvyguy-la-gran-distraccion-nacional/>. Acesso em 31 mai. 2012

_____. Tres hombres quedan enterrados en Capiatá mientras cavaban un pozo. **ABC Digital**, Assunción – PY, 26 Dez. 2010. Disponível em: <http://www.abc.com.py/nota/tres-hombres-quedan-enterrados-en-capiata-mientras-cavaban-un-pozo/>. Acesso em 31 mai. 2012

CAPIATÁ DIGITAL. Muerem dos hermanos en derrumbe de pozo en Kennedy. **Capiatá Digital**, Capiatá - PY, 26 dec. 2010. Disponível em <http://www.capiatadigital.com/notas-248-ah-mueren-dos-hermanos-en-derrumbe-de-pozo-en-kennedy.html>. Acesso em 31 mai. 2012.

CARNEIRO, E. **A Dinâmica do Folclore**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

CASCUDO, L. C. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: Edusp/Itatiaia, 1984.

CERQUEIRA, D. **Reminiscências da campanha do Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

CHÁVEZ, B. **Tesoros ocultos**. México: Amate Editorial, 1999.

DURAND, G. **L'imaginaire. Essai sur les sciences et la philosophie de l'image**. Paris: Hatier, 1994. Tradução: José Carlos de Paula Carvalho. Acesso em 11 abr. 2012. Disponível em http://www.marculus.net/textos/O%20Imaginario_%20G_Durand_traducao.pdf

FERREIRA NETTO, W. **Tradição oral e produção de narrativas**. São Paulo: Paulistana, 2008.

FREYRE, G. **Casa-Grande e Senzala**. Brasília: UNB, 1963.

GONZALEZ TORRES, D. M. **Folklore del Paraguay**. Asunción: Editora Litocolor SRL, 1995.

LA NACION. Dos jóvenes perdieron la vida hoy, buscando “Plata Yvyvy”. La Nacion, Assunción-PY, 26 Dez. 2010. Disponível em <http://www.lanacion.com.py/articulo.php?art=6621>. Acesso em 31 mai. 2012

LIPPMAN, W. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MAIA, F. D. **Jornalismo entre o Efêmero e o Eterno: Imaginário e Natureza na Globo Rural (1985-2010)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011..

MEDITSCH, E. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, M.; FONSECA, V. P. S. (orgs). **Jornalismo e acontecimento**. Florianópolis : Insular, 2010.

MEDINA, C. **Ciência e Jornalismo** – Da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008, 116p.

_____. (org.) **Novo Pacto da Ciência** - a crise dos paradigmas, 1º seminário transdisciplinar - anais. São Paulo: ECA/USP, 1991.

MORIN, E. **O Cinema ou o Homem Imaginário**. Lisboa: Grande Plano, 1997.

MOTTA, L. G. **Notícias do Fantástico: jogos de linguagem na comunicação jornalística**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006

ORUÉ POZZO, A. **Periodismo en Paraguay: Estudios e interpretaciones**. Asunción: Arandurã, 2007

SILVA LEITE, M. C. **Águas encantadas de Chacororé: natureza, cultura, paisagens e mitos do Pantanal**. Cuiabá: Catedral Unicen Publicações, 2003.

SILVA, G. Imaginário coletivo: estudos do sensível na teoria do jornalismo. In: **Revista Famecos**. Porto Alegre, RS. Vol. 17, n. 3, p. 244-252, set./dez. 2010.

_____. **O sonho da casa no campo: jornalismo e imaginário de leitores urbanos**. Florianópolis: Insular, 2009.

SILVA, J. M. **As Tecnologias do Imaginário**. 2a ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

ÚLTIMA HORA. Búsqueda de plata yvyguy fue parada por Comuna de Limpio. **Última Hora**, 26 mar. 2008. Disponível em <http://www.ultimahora.com/notas/103609-Busqueda-de-plata-yvyguy-fue-parada-por-comuna-de-limpio>. Acesso em 31 mai. 2012.